

FILINTO MÜLLER UM MATO-GROSSENSE ILUSTRE

Valdon Varjão

Natural de Mato Grosso, Filinto Müller nasceu em Cuiabá a 11 de julho de 1900. Frequentou o Colégio Salesiano São Gonçalo e o Liceu Cuiabano, onde terminou o curso secundário. Em 1917, foi auxiliar de revisor da Imprensa Nacional. Continuou os estudos na Escola Militar do Realengo, especializando-se em Artilharia. Dali sairia como Aspirante a Oficial em 1922. Participou do movimento revolucionário então eclodido e, em consequência, foi preso no 1o. Regimento de Artilharia Montada, na Vila Militar, a 5 de julho daquele ano. Em dezembro, face à exclusão da denúncia que o levaria à prisão, voltou à liberdade. Ainda em 1922, passava a 2o. Tenente. 1924, participação em novo movimento revolucionário deflagrado em São Paulo. O 1o. Tenente Filinto Müller - fora promovido em 1923 - comandou a Artilharia Revolucionária na retirada de São Paulo para os sertões do Paraná. Com a derrota, vem o exílio na Argentina, em abril de 1925. Em seguida o regresso ao Brasil, após dois anos de Buenos Aires, a condenação e o recolhimento à prisão militar. Revolução de 1930: também desse movimento participou Filinto Müller, que, a partir daquele ano, começaria a figurar no quadro administrativo do País, galgando posições sempre mais destacadas. Na época, serviu sucessivamente: como Oficial de Gabinete do Ministro da Guerra (1930), Secretário da Interventoria João Alberto em São Paulo (1930), Delegado Especial da Segurança Pública e Social (1933). De abril de 1933 a julho de 1942, ocupou a Chefatura de Polícia do então Distrito Federal. Até 1940, o cargo fora exercido pelo Capitão, posto que galgara em 1932; a partir de 1940, pelo major Filinto Müller. Nesse período bacharelou-se em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito de Niterói (1938). A essa altura já se fazia sentir a sua influência política em Mato Grosso, desde que, em 1934, o Partido da Mocidade, apoiado pelo Partido Evolucionista, lançara-lhe a candidatura ao Governo do Estado. A necessidade de seus serviços na direção da Chefatura de Polícia do Distrito Federal, serviços considerados imprescindíveis pelo Presidente Getúlio Vargas, o levaria a

renunciar à eleição pela Assembléia, em 1935, apesar de vitoriosos os partidos que o apoiaram. Em 1943, a nomeação para a presidência do Conselho Nacional do Trabalho, precedida da promoção, por merecimento, ao posto de Tenente Coronel. Filinto Müller pediria a exoneração daquele cargo em 1945, voltando a prestar serviços ao gabinete do Ministro da Guerra. A reserva de 1ª Classe o recebeu no posto de General de Brigada. O ano de 1945 marca o início das atividades políticas do ex-Presidente do Senado, a começar pelo ingresso nos quadros do Partido Social Democrático, de cuja fundação participou. Segue-se toda uma vida de intensa luta política. Ainda em 1945 foi eleito e diplomado Senador por Mato Grosso. Não exerceu o mandato face razões de caráter eleitoral. Em 1946, também em Mato Grosso, presidia o diretório do Partido a que ajudara a fundar - o PSD - e elegeu-se novamente Senado (1947-1950) No exercício do mandato, participou das comissões de Trabalho e Previdência Social e Constituição e Justiça, na qualidade de representante do PSD. Mais tarde, em mandatos subseqüentes, integraria outras comissões do Senado: Relações Exteriores, Redação, do Distrito Federal, Valorização da Amazônia, Segurança Nacional, Finanças, dos Estados para Alienação e Concessão de Terras Públicas e Povoamento, Economia, Constituição e Justiça e de Assuntos da Associação Latino-Americana de Livre Comércio -ALALC.Em 1950 afastava-se da vida pública, após concorrer, sem êxito, ao governo do estado natal. A irreprimível inclinação política o impulsionaria a disputar a eleição para a Câmara Alta em 1954. Eleito (1955-1963), exerceu, no desempenho do mandato, a liderança do Governo e da Maioria no Senado (1955-1958). Nos dois anos subseqüentes, foi eleito Presidente da Casa. Em 1960 candidatou-se mais uma vez ao governo de Mato Grosso. Não logrou eleger-se. Continuando a exercer o mandato senatorial, ocupou, a partir de 1961, a liderança da maioria. Novamente em 1962, elegeu-se Senador. De abril de junho de 1964, foi líder do Governo e, de 1966 a 1968, liderou a Aliança Renovadora Nacional, por ele presidida em 1969, quando se tornou líder do governo e da maioria. Em 1970, última eleição para o Senado. Eleito presidente da ARENA (1972-1975), do Senado e do Congresso Nacional, não lhe foi dado esgotar os respectivos mandatos. A morte o surpreendeu no auge dessa etapa de sua vida pública, a 11 de julho de 1973, por estranha e trágica coincidência, no mesmo dia em que faria 73 anos. Ao lado dos altos cargos, sobrepõe na vida

pública do Senador-Presidente a participação em missões no exterior, a contar de 1944, quando integrou a Delegação chefiada pelo Presidente da República em Roboré, na Bolívia. A seguir, em 1946, tem-se Filinto Müller como membro da Delegação chefiada pelo Chefe de Governo à Reunião dos Presidentes Americanos. De 1957 em diante, as missões se sucedem: neste mesmo ano, XLVI Conferência da União Interparlamentar, em Londres; em 1958, Reunião do Comitê Executivo da União Interparlamentar, em Genebra; ainda em 1958, Delegado da XLVII Conferência Interparlamentar no Rio de Janeiro; 1960, Delegação do Senado às comemorações do V Centenário de Morte do Infante Dom Henrique em Lisboa; em 1961, Reunião do Conselho Interparlamentar, em Genebra e 50a. Conferência Interparlamentar em Bruxelas e II Conferência Interparlamentar Americana em Santiago do Chile; em 1962, Reunião do Conselho Interparlamentar em Roma; em 1963, 92a. Reunião do Conselho da União Interparlamentar em Belgrado; em 1964, III Conferência Interparlamentar Americana em Washington e a 93a. Reunião do Conselho da União Interparlamentar em Lausanne; 1966, Reunião do Conselho da União Interparlamentar em Camberra; 1967, Reunião do Conselho da União Interparlamentar em Palma de Maiorca; 1968, Reunião do Conselho da Europa, em Strasburg; em 1971, a 59a. Conferência Interparlamentar em Paris. A participação na maioria das conferências interparlamentares advém do fato de haver sido Filinto Müller membro do Conselho da União Interparlamentar. Finalmente, e já no decorrer do primeiro semestre de 1973, a última missão oficial no exterior: a convite do Presidente Emilio Médici, chefiou a Delegação Brasileira incumbida de representar o Brasil a posse do Presidente Hector Campora, da Argentina. Militar, político e homem público de alto prestígio, o Presidente que o Congresso vem a perder e que tantas vezes representou o Brasil nos diferentes países do mundo, aqui e além, foi agraciado com numerosas condecorações nacionais e estrangeiras:

Recebeu no Brasil :

Grã Cruz da Ordem Nacional do Mérito

Grã Cruz da Ordem do Rio Branco

Medalha de Grande Oficial do Mérito Militar

Medalha de Grande Oficial do Mérito Naval

Medalha de Grande Oficial do Mérito Aeronáutico
Medalha de Grande Oficial do Mérito da Justiça do Trabalho
Medalha de Grande Oficial do Mérito de Brasília
Medalha de Prata do Cinqüentenário da República
Medalha Tamandaré
Medalha Santos Dumont
Medalha de Ouro do Mérito da Cidade de Recife
Medalha de Bronze dos Bons Serviços do Exército Brasileiro

No Exterior:

Grã Cruz da Ordem Militar de Aviz - Portugal
Grã Cruz da Ordem Nacional do Mérito - Alemanha
Grã Cruz da Ordem Nacional Extraordinária do Mérito - Paraguai
Grã Cruz da Ordem Menelik II - Abissínia
Comenda da Legião de Honra - França

O GRANDE POLÍTICO DO SÉCULO XX

O nome do inesquecível político mato-grossense fulgurante. Senador Filinto Müller, que ainda seu nome ressoa nas tertúlias políticas deste Estado, foi homem probo, capaz e amigo, liderança incontestada e autêntica, com seus argutos conselhos de tolerância e sua extraordinária capacidade de minimizar as tensões ambiciosas, dom excepcional de conciliador das divergências e, o mais importante, o magnetismo pessoal a perpetuar as amizades conquistadas, até hoje os seus amigos lamentam o desfecho imponderável, não se conformando com seu desaparecimento trágico. O Brasil e Mato Grosso muito devem ao ilustre conterrâneo destemido, que teve seu nome ligado aos momentos mais importantes da moderna era republicana nacional, observando meticulosamente os fatos de que foi personagem relevante em nossa história, o Brasil muito deve a este mato-grossense desprezado e destemido, que mesmo durante ano foi também alvo da cruz das acusações de invejosos e cruéis escribas do credo vermelho, entretanto nunca se justificou nem se defendeu, mesmo diante de acusações injustas e inverídicas; pois, soldado por formação, fez dos regulamentos militares um credo ao qual nunca haveria de abjurar, não transferindo a outrem

as responsabilidades, aceitando os encargos da maledicência diante de circunstâncias adversas, que lhes foram imputadas como carrasco do governo Vargas, para não ferir a hierarquia militar, uma corporação que tem por princípio toda a estrutura de sua organização.

Não se pode julgar o homem que influenciou sua época sem analisá-la com profundidade, interpretando os fatos, as coisas, os atos, as atitudes, os acontecimentos, buscando nas causas próximas ou retardas, as razões justificadoras de medidas corajosamente tomadas, que só homens de decisão são capazes de tomar, sem se importar com o julgamento da posteridade, ou com as lantejoulas do elogio contemporâneo. E esta coragem Filinto Müller teve, colocando o país acima de tudo, pois quem pesquisa nossa história comprova que, quando Filinto Müller exerceu a chefia de Polícia do governo Vargas, o momento era cruciante, tumultuado, confuso, delicado, visto que ideologias alienígenas brigavam para transformar a Nação no grande campo experimental de suas pregações, em que a supressão das liberdades cívicas constituía a pedra basilar de suas pretensões políticas.

Naquele momento só um homem com decisão, como Filinto Müller, teria coragem de afrontar os disputantes. E, quando a Pátria está em perigo, só os bravos são capazes de salvar do caos.

Podem dizer como disseram, os comunistas, os integralistas, que Filinto Müller foi violento, arbitrário e uma gama de acusações, que só o tempo poderá dar respostas, mas a verdade incontestável é que, se a ação enérgica não se tivesse feito sentir naquele momento decisivo, o nosso país teria mergulhado na mais terrível das guerras, que é a luta entre irmãos, e o solo da Nação brasileira teria se empapado do sangue de milhões de brasileiros, porque os que disputavam a implantação de suas ideologias totalitárias, só tinham em mente um pensamento: chegarem ao poder, fosse qual fosse a via de acesso e o preço de chegada.

Reconhecemos que ainda é cedo para se fazer a história daqueles tempos de turbulências políticas e ideológicas, porém é necessário não perder de vista que as próprias instituições periclitavam, pois a capital da República, o Rio de Janeiro, centro de influência do país, era seu nervo ótico de decisões. Conquistada ela, o resto ficava mais fácil. Filinto Müller compreendeu a terrível verdade e geriu a ordem pública como bravo comandante para evitar o caos e a desgraça geral.

Certo de que não podemos transformar o nosso conterrâneo no anjo salvador da Pátria e isentá-lo totalmente de algumas acusações, pois o cargo que exercia era espinhoso, a missão difícil, as circunstâncias adversas e os adversários do regime atuantes e decididos, e ele o responsável pela ordem.

Mas repudiamos com veemência aqueles que quiseram projetar um perfil deformado do grande cuiabano, cidadão de um país a quem amava com desprendimento e ao qual serviu com abnegação incansável.

Filinto Müller foi aquela figura exponencial que cativava a todos, e na retidão das atitudes, conseguia uma interação completa de objetivos, porque todos viam em seu vulto o comedimento, a experiência, o propósito definido de político amigo ou adversário leal.

Era assim o grande chefe Filinto Müller.